Ano XXIII — Lisboa, Fevereiro de 1967 — N.º 262

SEMPRE PRONTO

Mensário Escotista • Agraciado com "O Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de Portugal

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino F. Macedo

Director-Adjunto
Joel Ribeiro

Redactor
Mariano Garcia

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Trav. Vitorino de Freitas, 9 — LISBOA-3 — Telefs.: Red. 63 66 07 — Adm. 63 88 49 • Comp e Imp.: Livraria Cruz — Braga

A VIRTUDE DE ESCUTAR

Dão-se os primeiros passos na senda escotista e logo se trava conhecimento com a lei:

«O lobito escuta o Velho Lobo;
O lobito não se escuta a si mesmo».

Este princípio, que convida a escutar as palavras de quem se encontra em condições para delas fazer uso, é uma norma que inspira todo o edifício do escotismo, como pedra basilar. Mais tarde, no conselho da patrulha, ou no conselho de guias, quer o guia, quer o chefe, escutarão as razões dos seus rapazes, e estes, por sua vez, escutarão a palavra autorizada dos que os dirigem.

Fica, assim estabelecido o diálogo, esta forma de contacto humano que, dia a dia, ganha mais foros de prestígio, por ser o caminho que melhor viabiliza o conhecimento mútuo. E ninguém pode amar sem conhecer.

Há, porém, uma prevenção a fazer: escutar o que os outros se propõem dizer-nos não implica o dever de renunciar aos nossos pensamentos, nem de alienar as próprias convicções. Tal maneira de proceder só contribuiria para abastardar sentimentos ou tornar voláveis as opiniões.

Então, qual a finalidade pretendida quando nos dispomos escutar a outrem? Muito simplesmente: a de seleccionarmos da experiência alheia, com discernimento e ponderação, tudo quanto vá enriquecer, dê eficiência ou dinamize a nossa própria experiência.

Ai de quem, a todo o transe, queira permanecer inerte perante o evolucionar do mundo; ai de quem não se dê ao trabalho de retemperar e firmar as suas convicções, cotejando-as com aquelas que o próximo defende.

Nas multidões que seguiam a Cristo, muitos eram os que se mantinham de ouvidos duros ao ensino do Mestre, preferindo o culto de idolatrias e tradições desconceituadas a que, desde há muito, se encontravam apegados. Era esse o motivo por que o Grande Pregador não cessava de os invectar: *«Quem tem ouvidos para ouvir, ouça!»*

Ao ler-se um jornal, está-se escutando as mensagens que se contêm nas suas colunas. Desta forma, se trava regularmente uma comunicação de ideias, de análises de problemas, de estudo de sugestões. Compreende-se, assim, as enormes vantagens de, uma vez por outra, se inverter essa posição, passando o jornal a recolher algo do espólio reunido pelos seus leitores através dessa mesma leitura. É este objectivo que se tenta alcançar com a

Continua na pág. 7

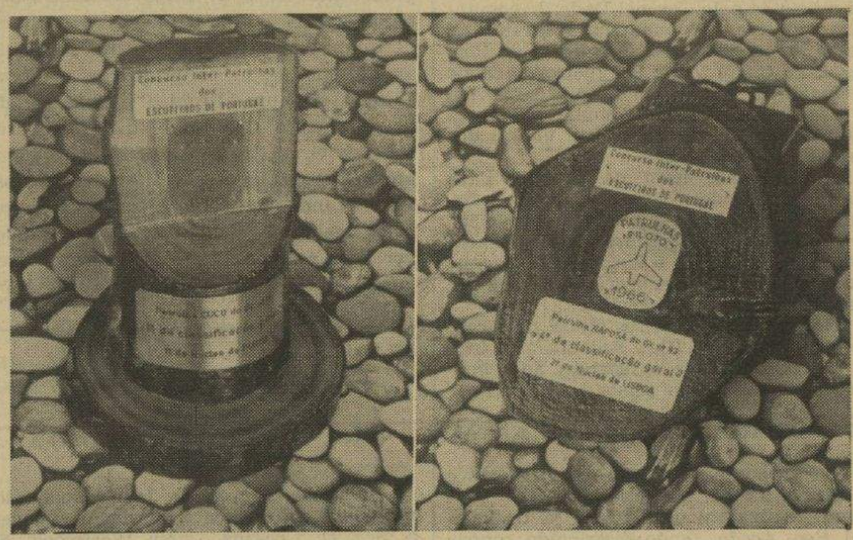
DIA DO PENSAMENTO

22 de Fevereiro é o dia que os Escoteiros de todo o mundo transformaram no Dia do Pensamento, *em comemoração do aniversário de B.-P.*

Não se trata, porém, apenas de uma efeméride, mas da celebração real de uma data feliz. É que o Fundador surge-nos como um vero paladino do optimismo, não um optimismo inconsciente ou teimoso, alheado das realidades, mas um optimismo que se não deixa submergir, porque procura o lado bom das coisas, para as fazer frutificar e servir de estímulo a toda uma obra de recuperação.

Que os Escoteiros da nossa terra saibam sempre comemorar este Dia na sua essência genuína.

«PATRULHAS PILOTO-66»



A gravura mostra os troféus representativos dos 1.º e 4.º lugares da classificação geral do concurso **«Patrulhas Piloto-66»**, *cuja final se realizou durante o último Acampamento Nacional, conforme noticiámos no n.º 257 de* **Sempre Pronto**. *Os troféus, de características verdadeiramente escotistas, foram oportunamente entregues pela Chefia-Geral, que distingiu as onze patrulhas apuradas com um vistoso diploma, donde consta a respectiva classificação, bem como o nome do guia da patrulha. As três patrulhas mais bem classificadas foram ainda atribuídos prémios pecuniários, traduzidos em material escotista e de campo, conforme requisição das próprias patrulhas.*

DOS AÇORES

O Escotismo na Ilha Terceira

ENCONTRO ESCOTISTA

Promovido pelo Clã n.º 25, «Bento de Góis», do Corpo Nacional de Escutas, com sede em Angra do Heroísmo, realizou-se, no recinto escotista da Matela, um encontro em que participaram, além dos organizadores, delegações do C. N. E. da Praia da Vitória, Base Aérea n.º 4 — Lajes, e Porto Judeu, bem como uma representação do Grupo 52 dos Escoteiros de Portugal, de Angra de Heroísmo.

NOVOS ESCOTEIROS

Precedido de velada na noite anterior, realizou-se na Paroquial da Terra Chã, em 27 de Novembro passado, o compromisso de honra de novos escoteiros do Grupo n.º 52 dos Escoteiros de Portugal. O acto, dirigido pelo Chefe Moniz Silva, teve a presença do Rev. Padre Manuel Aguiar de Meneses, teve início com a promessa do escoteiro Luís Alberto da Silva Andrade.

Seguiu-se a tradicional investidura de quatro caminheiros: Francisco Fernando Machado Martins, que ingressou no Movimento, e Horácio Manuel Ferreira, Fernando de Oliveira Correia e Dinis A. Gonçalves de Almeida, que transitaram da Divisão Escoteira.

VISITA ESCOTEIRA AS LAJES

No dia 1.º de Dezembro, a convite do Comando Americano e da Organização Escotista Norte-Americana da B. A. n.º 4, deslocaram-se às Lajes representantes de todos os agrupamentos escotistas da Ilha Terceira de ambas associações.

Os visitantes foram recebidos por dirigentes escoteiros e membros dos Grupos 1 e 2 dos Escoteiros da América, com sede naquela base.

Foram visitadas as diversas instalações da Base, que despertaram o maior interese a todos os escoteiros, sendo depois os visitantes obsequiados com um almoço típico americano. A mesa de honra foi presidida pelo Coronel Dade, 2.º comandante americano; que deu a direita ao Chefe Moniz Silva dos Escoteiros de Portugal, ao Chefe Vítor Fragueiro e demais chefes do C. N. E.; enquanto, à esquerda, se sentavam o Major Connett, o Sarg. Vallee e os Chefes Healey e Vieira, dos Escoteiros Americanos.

O presidente usou da palavra para enaltecer o valor destas reuniões, afirmando que mais do que nunca os homens de boa vontade se procuravam compreender. Disse ainda que o Escotismo consegue esse objectivo pela educação especial que transmite aos seus membros.

No final, os escoteiros ainda visitaram as instalações da «High School», a divisão de computadores e assistiram ao lançamento de um balão sonda.

BOA ACÇÃO COLECTIVA DE NATAL

Os grupos de escoteiros americanos e o Grupo n.º 52 dos Escoteiros de Portugal, realizaram no Natal a já tradicional *Boa Acção*, tendo distribuído roupas usadas por pessoas pobres de Angra e de outras freguesias.

A distribuição, embora inferior à de anos anteriores, foi orientada pelo Chefe do Grupo 52, por sua filha, Sr.ª D. Maria da Conceição M. Silva Valentim, chefe-adjunto Ludgero Moreira, coadjuvados pelos chefes Healey e Vieira, dos grupos americanos, tendo actuado os membros dos grupos promotores. — *C.*

Os Escoteiros de Portugal na Beira (Moçambique)

NOVOS ESCOTEIROS

Em 22 de Dezembro passado, realizou-se na sede do Grupo do Dondo, anexo à Lusalite, uma reunião de todo o seu efectivo para a cerimónia do compromisso de honra dos novos escoteiros Manuel Ganhão, Luís Ganhão e Armando Marçal. Ao acto assistiram os srs. Maximiano Baptista Leiria, director técnico da empresa, e sua esposa; os chefes Rodrigues e Aleixo, bem como o chefe de lobitos Crispim.

O escoteiro Manuel Ganhão foi nomeado guia da patrulha «Hipopótamo», tendo dirigido palavras de exortação aos escoteiros o Chefe Rodrigues, sendo a cerimónia dirigida pelo Chefe Aleixo.

A festa terminou com um chá durante o qual se entoaram canções escotistas.

Durante a semana, o Grupo esteve acampado no campo permanente que aquela Empresa possui. «Sempre Pronto» esteve representado pelo seu novo correspondente sr. Jorge Aníbal Horta.

REUNIÃO DE PAIS

Em 10 de Janeiro à noite, realizou-se uma reunião de pais, que foi presidida pela Sr.ª D. Helena Leiria, secretariada pela Sr.ª D. Dora Meneses.

O Chefe Rodrigues explicou a finalidade da reunião, tendo sido apresentadas sugestões pelos srs. Ramiro dos Santos e Luciano Narciso. — *C.*

Assinantes Patrocinadores

Prosseguem as adesões, inteiramente espontâneas, dos nossos estimados assinantes à categoria de Patrocinadores, numa manifestação de interesse e de simpatia, que serve de forte estímulo para todos aqueles que neste jornal trabalham.

Coube agora a vez a um dedicado amigo que desde os primeiros números assina «Sempre Pronto». Trata-se do Sr. Francisco Gonçalves, que foi secretário do Grupo n.º 40, do C. N. E., a quem apresentamos os nossos agradecimentos, aproveitando o ensejo para o felicitar pelas melhoras já obtidas na sua saúde, por cujo restabelecimento completo fazemos votos.

Dos Amigos de «Sempre Pronto»

De luto — Em 22 de Janeiro passado, vítima de um acidente de viação, faleceu a Sr.ª D. Cristina Dalsy Westwood, de 69 anos de idade, irmã do nosso dedicado assinante Sr. John Westwood, a quem dirigimos os nossos sentidos pêsames.

— Também se encontra de luto por falecimento de sua avó, Sr.ª D. Clotilde Nunes, ocorrido em 25 de Janeiro passado, o nosso amigo e assinante Sr. Fernando Amílcar da Silveira, a quem igualmente dirigimos sentidas condolências.



HÁ 20 ANOS "SEMPRE PRONTO" PUBLICAVA:

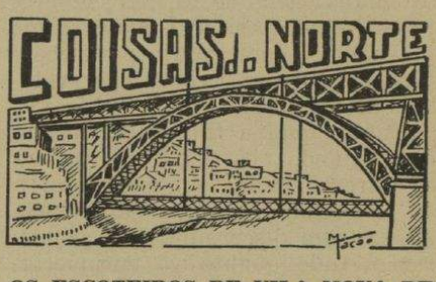
SER CHEFE

Ser chefe é ter o sentido vivo das suas responsabilidades, a consciência em chama da sua missão. É sentir-se solidário com todos os esforços e cúmplice de todos os defeitos, é sentir o seu próprio destino inflexivelmente unido e irmanado com o destino da obra, é ter sempre presente no espírito que não há gesto nem pormenor que não possa adornar ou desfigurar a obra em construção, é compreender profundamente que a sua alma e a sua honradez, a sua inteligência e a sua vontade estão integralmente empenhadas na realização perfeita do fim proposto, é saber com valor, é aceitar com virilidade que o triunfo é filho do seu esforço.

Ser chefe é ter fé na obra a realizar, no seu destino; quando todos descrêem, o chefe crê; quando todos desesperam, o chefe não esmorece; quando todos fogem, ele fica, e se cai, cai de pé ao pé da obra. Não precisa da certeza da vitória para lutar, contenta-se com uma probabilidade de êxito. O ar dos combates é um tónico para ele. As derrotas não o abatem, erguem-no mais alto. Sabe esperar, mas não cede, e, se aceita o inevitável, é para vencê-lo mais tarde. O chefe sabe recomeçar e reconstruir sobre ruínas. Porque não ignora que não há cemitério onde não germine e floresça uma nova vida.

O chefe sabe obedecer: obedecer ao ideal que representa a sua obra; obedecer aos interesses desta e ao seu destino; disciplinar a sua vida em conformidade com essas exigências; submeter-se a todas as imposições do dever; aceitar sem discutir, sem transigir, tudo quanto importa à vida dessa obra. O chefe é o maior exemplo de obediência. E é porque sabe obedecer que o chefe sabe mandar. Porque mandar é, na essência, ainda obedecer.

Dr. Faria de Vasconcelos



OS ESCOTEIROS DE VILA NOVA DE GAIA COLABORARAM NO CORTEJO DE OFERENDAS A FAVOR DA IGREJA DE GULPILHARES

O cortejo de oferendas que se realizou em 16 de Janeiro passado, em Gulpilhares, freguesia do concelho de Gaia, foi aberto por uma representação dos escoteiros dos Grupos n.ºs 41, 45 e 91, que desempenharam também serviços de ordenamento do trânsito. O cortejo destinava-se a angariar fundos para a igreja e salão paroquial.

REPARTIÇÃO MUNDIAL DE ESCOTISMO

MENSAGEM DO DIA DO FUNDADOR

22 DE FEVEREIRO

1907-1967

Fiquei muito agradàvelmente impressionado pelo seguinte parágrafo que li numa revista dos Escoteiros da Austrália, da pena do Comissário Chefe da Nova Gales do Sul:

A forma como se apresenta o Escotismo deve ser actual, mas os seus princípios, ideais e normas devem ser eternos.

Penso que isto nos oferece um quadro extremamente perfeito da realidade.

É difícil por vezes imaginar que o Escotismo faz este ano sòmente 60 anos. Para muitos de nós, cujas vidas têm sido modeladas com a a sua ajuda, parece que o Movimento sempre existiu, o que representa um tributo ao génio do Fundador porque tanto do seu original plano «para desenvolver boa cidadania entre os rapazes pela formação do seu carácter» permanece virtualmente intangível ao longo do tempo desde que ele lançou ao mundo as suas primeiras ideias. Como já tenho dito, nada há imutável e, sobretudo, neste século de experiências e progresso é inevitável a introdução de modificações em todo o esquema. Não há, na minha opinião, nenhum mal nisso se tais alterações trouxerem mais vigor ao Movimento, um maior apelo aos rapazes de hoje e um encorajamento para que os adultos dêem mais e mais de serviço pessoal num mundo tão materialista. À medida que o tempo for passando, o valor das inovações tornar-se-á aparente, mas o que continua a ser de vital importância é que nos conservemos fiéis aos fundamentos básicos do método Escoteiro em toda a sua pureza.

Entretanto, mil novecentos e sessenta e sete é o início de uma nova década para um grande impulso, que será mesmo necessário se o Movimento quiser ganhar forças. Estamos, uma vez mais, num ano de Jambori Mundial e milhares de escoteiros através do mundo encontram-se ansiosos esperando o mês de Agosto, momento em que o Jambori «For Friendship» (Pela Amizade) abrirá de par em par as suas portas e lhes dará a oportunidade de provar ao mundo que «O Escoteiro é irmão de todos os outros Escoteiros».

Muitos milhares não terão evidentemente a sorte de estar no Parque Farragut, em Idaho, mas isso não é razão para que não visitem Escoteiros um pouco mais perto de sua terra. Devemos fazer um esforço especial para, dentro do possível, desenvolver este tema de Amizade, não esquecendo que, embora seja, muitas vezes mais fácil e mais atraente possuir o sentimento de ser Irmão Escoteiro de alguém noutro país, será de imenso valor conseguir ganhar o conhecimento de Escoteiros do outro extremo do vosso próprio país.

R. T. LUND
Director Interino

IMPRENSA

«A VOZ»

Este importante jornal diário da Capital, completou em 29 de Janeiro p. p. 40 anos de publicação.

Ao seu director, sr. Pedro Correia Marques, e a todos quantos nele trabalham apresentamos as nossas felicitações.

«A BOLA»

No mesmo dia, celebrou o 20.º aniversário o trissemanário «A Bola», jornal de grande expansão da actividade desportiva.

Ao sr. Dr. Vicente de Melo, seu ilustre director, bem como a todos os seus colaboradores, saudamos cordialmente pela passagem deste faustoso acontecimento.

«O EDUCADOR»

Completou 35 anos de existência o excelente jornal trimensal «O Educador», órgão e propriedade da Papelaria Fernandes e que aos problemas relacionados com a educação dedica a sua proveitosa actividade.

Aproveitamos o ensejo para felicitar o valioso núcleo dos seus colaboradores na pessoa do seu director sr. Reinaldo Ferreira (Néorx).

ESCOTISMO

Escola de educação por excelência

No recente debate que se realizou na Assembleia Nacional sobre a educação da juventude, coube ao deputado Sr. Dr. Rogério Peres Claro a honra de ter dito a palavra justa acerca do Escotismo, numa assembleia onde se assentam deputados que passaram pelas fileiras do Escotismo.

Referindo-se aos centros extra-escolares da Mocidade Portuguesa, o Sr. Dr. Peres Claro, a determinada altura do discurso que ali proferiu em 12 de Janeiro passado, afirmou:

«Entregando agora à escola a iniciativa e responsabilidade das actividades circum-escolares, a Mocidade Portuguesa poderia, enfim, liberta de um intervencionismo directo no meio escolar, que teve os seus fortes inconvenientes, a par, naturalmente, de muitas conveniências, poderia dedicar-se com o peso da sua experiência e do seu dinheiro, à organização séria e profunda, sem improvisações nem indigências, dos centros extra-escolares, ou seja de clubes da juventude que não estuda ou só estuda à noite. Aí, sim, aí há desacompanhado e fértil, um campo enorme de acção a fazer. Ao longo dos anos, sem quase nada, lutando como heróis (na paz também há heróis!), rapazes formados nas fileiras da M. P. dedicaram-se à formação de outros rapazes, mais abandonados do que eles, e constituem hoje um escol de que a Nação não pode prescindir, antes deve acarinhar, pois ele se fez na forja dos grandes feitos: na acção e no sacrifício. E se não pode ou não quer a M. P. deitar finalmente a mão forte e segura aos centros extra-escolares, favoreça-se então a expansão do escotismo, que é uma escola de educação por excelência, a que este país deve mais do que se pensa e que também tem sabido preparar, ao longo de muitos anos, um escol de dirigentes caldeados no mesmo cadinho da acção e do sacrifício.

A meia-tinta e a meia-dose não nos servem, a nós que somos uma geração saída do sacrifício, que reconhecemos esse sacrifício, mas temos sobre os ombros a responsabilidade do amanhã.»

O Escotismo merecia esta palavra de justiça. Tratando-se de um Movimento que à causa da educação da juventude tem dado alto contributo, que se pode aferir pelo testemunho de milhares de antigos escoteiros, tantos deles ocupando lugares de relevo e de responsabilidade nas mais diversas funções públicas, não é compreensível o silêncio a que tantas vezes é votado, mesmo por aqueles que tinham obrigação de levantar a voz para lhe prestar a merecida justiça.

Bem haja o Sr. Dr. Peres Claro porque não hesitou em prestar esse tributo. Daqui lhe endereçamos por esse motivo a nossa sincera homenagem.

«SEMPRE PRONTO»

Agradece os dois calendários que a sociedade «Indústrias A. J. Oliveira, Filhos & C.ª L.da», de S. João da Madeira, teve a amabilidade de lhe enviar.

O INQUÉRITO DE

NÃO TEMOS CRISE DO ESCOTISMO. O QUE TEMOS É DIRIGENTES EM CRISE E CRISE DE DIRIGENTES. ESTAMOS MESMO NA ALTURA DA MOBILIZAÇÃO DE ESFORÇOS. OU AGORA OU NUNCA! — DECLARA O E. C. ARMANDO GARCIA INÁCIO, JOVEM DIRIGENTE DO GRUPO N.º 94, DA AJUDA, LISBOA.

O presente inquérito é talvez a maior iniciativa que «Sempre Pronto» realiza em prol da A. E. P. Considero-o mesmo a ocasião por tantos esperada para se dizer pùblicamente «duas verdades».

Não haverá outra! Ou fazemos ouvir as nossas vozes e o seu eco penetrará, certamente, nos meios associativos, ou então desistimos de comentar escotismo doravante.

1.º Quesito: — B.-P., com o notável espírito de observação que possuía, cedo concluiu que era muito importante renovar constantemente o método de actuação e o espírito de escotismo dos dirigentes escoteiros.

Fundada a Escola de chefes de Gilwell-Park, alcançou o objectivo que pretendia: o estudo, sempre actualizado, das normas e programas escotistas e a mentalização para o escotismo em cada época que passa.

Nos países que cedo adaptaram o programa de Gilwell e que acarinharam entusiàsticamente o método escoteiro, reconhecendo nele o melhor processo educacional da Juventude, o escotismo progride em franco desenvolvimento.

Entretanto o que se passa connosco?

Poderia sintetizar a resposta deste modo: *Em Portugal não se pratica Escotismo... antes brinca-se com uma coisa muito séria chamada Escotismo!*

Analisemos, portanto, alguns pontos do problema:

No início do nosso movimento, em que as normas e ideias de B.-P. foram seguidas à risca, o assunto de tão brilhante sistema educacional interessou vivamente os melhores valores da classe intelectual.

A par da indiferença do público, surgiu o entusiasmo e a propaganda dos meios pedagógicos e, claro, o escotismo começou em franco desenvolvimento, mercê da simpatia mostrada, nos meios culturais que òbviamente influenciaram a opinião pública.

O escotismo dos «tempos heróicos», em que foi posto à prova a abnegação e coragem do rapaz, ultrapassando mesmo os preceitos escoteiros, trouxe-nos uma auréola de simpatia da parte do público, da qual, ainda hoje, usufruímos largos benefícios.

Conseguindo-se, portanto, um ambiente extraordinário para a divulgação do escotismo, porque é que hoje está tudo tão difícil?

Só encontro uma resposta: o escotismo falhou porque os dirigentes falharam.

No entanto, um dos motivos para o «falhanço» dos dirigentes, deve ter sido a falta de apoio prático, espiritual e financeiro, que só actualmente, em parte, se procura remediar.

Vejamos:

— Em 1916 apareceu em Português a obra de B.-P. «Escotismo para Rapazes», creio que ràpidamente se esgotou, apesar de duas edições, e então as preciosas indicações nela contidas passaram a ser colhidas de ouvido e não estudadas no original.

Desenvolveu-se o Escotismo, ficando muitos chefes segregados dessa e doutras fontes doutrinais.

— Os contactos internacionais, que traduzem tão valiosos aspectos e onde se pode avaliar o factor máximo do escotismo — a Fraternidade Universal — só os mais privilegiados puderam usufruir, ficando a maioria dos chefes a eles alheios.

— A seu tempo, e com o escotismo em nível interessante, só o Doutor Tovar de Lemos se preocupou com o desenvolvimento do Escotismo, criando uma razoável escola de chefes, mas a iniciativa quebrou por falta de continuidade.

*
* *

Do apontado acima resultou a falta de actualização e orientação que provocou nos chefes dos grupos uma reacção tal que os considerou, na grande maioria, senhores de todo o conhecimento e únicas bases para a sustentação do escotismo.

Muitos, sentindo-se fulcros de tal poder, e temendo perdê-lo, afastaram sistemàticamente todos os colaboradores, por julgarem neles incompetência e até um afronta à sua dignidade de «donos dos grupos».

A maioria dos grupos desapareceu porque o chefe morreu, adoeceu ou se enjoou.

O caos de muitos grupos actualmente parte da mesma origem, vendo-se, agora, a própria Direcção da A. E. P. forçada a «reformar» alguns chefes que deveriam há muito ter deixado o seu grupo, de cabeça erguida, e entregue a chefia nas mãos dum novo e saudável companheiro.

Não se julgue, porém, que foram só os chefes de grupos a colocarem o escotismo em «estado de sítio».

Culpadas têm sido as direcções associativas, pois consentiram, em muitos aspectos, na decadência do Movimento.

Já há longos vinte anos «Sempre Pronto», o único e justo defensor da causa escoteira portuguesa, analisando o mesmo ponto da primeira pergunta do inquérito, publicava:

«Porém, não se cuidou igualmente da formação de Chefes, muitos dos existentes afastaram-se por falta de colaboração superior, e os grupos passaram a ser confiados ao primeiro elemento que surge, sem haver o cuidado de verificar se possui os requisitos morais, cultura e conhecimentos técnicos indispensáveis. Se para a boa eficiência da orientação dum grupo a escolha do Chefe é condição primordial, deve-se a este erro o facto de muitos grupos terem desaparecido e outros vegetarem, ao mesmo tempo que unidades devidamente chefiadas se desenvolvem progressivamente.

A anulação dos serviços regionais ou a entrega da sua chefia a elementos ineptos foi outra causa do enfraquecimento, pois tais serviços sendo um auxílio precioso para os Serviços Centrais, constituem a melhor assistência que pode ser dispensada aos grupos.

Focados estes aspectos, parece ressaltar que se têm sido possíveis tais deficiências, se não se têm evitado ou, pelo menos, remediado tais erros, isso só se pode atribuir à insuficiência dos órgãos superiores do Movimento. Incontestàvelmente tem sido e é esta a causa fundamental do enfraquecimento do escotismo português e são dignos dos maiores louvores os dirigentes dos grupos que reagindo, *remando contra a maré,* vêm provando que é possível realizar no nosso país obra escotista de real mérito».

Não se compreende, como no Escotismo, um movimento educativo, se deixa vegetar nas suas fileiras pessoas sem o mínimo grau de educação.

Não foi por tendenciosa política de aproximação que um qualificado

«SEMPRE PRONTO»

dirigente associativo colocou o seu filho no C. N. E., nem é por acaso que o filho de outro alto dirigente associativo não é escoteiro.

Pouco faltou, por exemplo, para que se publicasse em B. O. a nomeação dum quase analfabeto, que, fazendo do grupo marítimo uma excelente moradia, se vestia de escoteiro do mar, dava reuniões ao mesmo tempo que berrava impropérios com a mulher e filhos.

A par de se ter consentido na actividade dirigentes sem idoneidade moral, têm-se nomeado rapazes de 17 ou 18 anos, sem a mínima preparação escoteira, psicológica e pedagógica, para chefes de tribo, e meninas de 15 ou 16 anos (ainda em boa idade de brincar com bonecas) para chefes de lobitos.

De lobitos! De crianças de 7 a 11 anos, vejam bem onde chega a barbaridade.

Assim não se pode fazer escotismo!

Não duvido que todos eles, novos ou velhos, tenham boa vontade, mas a Associação consentindo a sua nomeação, sem a devida preparação, comete um atentado à educação e aos princípios escoteiros.

Creio que respiramos um clima de ilegalidade escotista que nos atrofia e atola profundamente.

Indivíduos, que nunca vimos mais gordos, mostram fichas de cargos onde se lêem: «Chefe de Núcleo Tribal» ou coisa semelhante.

Para maior confusão, no meio disto tudo, surgem problemas mesquinhos, que desviam a atenção das coisas graves, fazendo crer que o escotismo não progride por causa deles:

Calças em vez de calções?

Boinas em vez de chapéus?

Automóveis em vez de pernas?

Isto são tudo truques e desculpas de quem não sabe ou nada quer fazer para justificar o seu falhanço.

Dizem as estatísticas que somos 500.

Não acredito! Somos menos e ainda bem!

Há quem apregoe que os rapazes não querem ser escoteiros, não gostam de ser escoteiros, gostam doutras coisas.

Se calhar esses não passam de dar sonolentas reuniões de sede e acampamentos apagados. Haja bons programas, actualizados e bem delineados e os rapazes trocarão tudo por isso.

Os rapazes gostam e querem ser escoteiros.

O C. N. E. tem 5 000 (1) rapazes que andam de calção (gostam do escotismo?).

Não temos crise do Escotismo.

O que temos é dirigentes em crise e crise de dirigentes, pois o escotismo vale o que os dirigentes valerem.

2.º Quesito: — *Deixar as coisas como estão* é o mesmo que colaborar num Escotismo sem Lei e sem Promessa.

Pela minha parte não estou disposto a isso.

Tenho sempre pugnado para que no meu grupo todos sejam **Escoteiros.**

Não continuo no Escotismo por interesse material ou físico; num e noutro sou grandemente prejudicado.

Não é tão-pouco a amizade que posso sentir pela A. E. P. que me faz aguentar os desmandos que tenho verificado.

Se luto pela causa escoteira é porque encontro nela uma grande base para o apoio da Juventude Portuguesa; porque vejo nela uma rara oportunidade cristã de servir o meu próximo, muito embora esse próximo seja uma criança de 8 ou 10 anos e que nada mais me poderá retribuir do que um sorriso de satisfação ou uma face triste, por um jogo perdido, que logo tenho por dever fazer sorrir.

Mobilização de Esforços?

Desde 1950 que nos foi dada uma oportunidade extraordinária de engrandecermos o escotismo.

Ainda estamos a tempo de aproveitar a oportunidade.

O Sr. Presidente da A. E. P., pessoa ilustre, de grande projecção nacional, com importantes funções oficiais, não pode debruçar-se totalmente sobre a causa escoteira, mas ratificou o desejo de ver a A. E. P. dignificada; porém, nós é que temos de agir e ele apoiará.

Isto quer dizer tudo.

O Escoteiro-chefe-geral, apesar de longe, está muito empenhado em elevar o nível associativo.

Que mais é preciso?

O Escoteiro-chefe-geral adjunto dedica imenso tempo ao estudo, divulgação e ensinamentos da técnica escoteira.

Porque esperamos? Não podemos trair estes esforços!

Estamos mesmo na altura da mobilização de esforços. Ou agora ou nunca!

Por muito que se duvide, ainda há elementos aptos, que esperam o momento de actuar.

Se o problema da mobilização de esforços for exposto pela Direcção-Central e dirigido a pessoas conscientes, conseguiremos levantar o Escotismo ao plano que merece.

No entanto, é preciso não juntar o trigo ao joio.

É preciso cautela com as ovelhas ranhosas e não continuar na mesma teimosia de que todos têm razão. A razão só pode estar do lado consciente.

Não se pode servir a dois senhores. Ou fazemos um escotismo sério, puro, e de nível realmente educativo, ou deixe-se então correr as coisas como estão.

3.º Quesito: — Não é fácil responder a esta pergunta, como não vai ser fácil sairmos do letargo em que caímos.

Vamos por partes:

A) É necessário que todos os membros da Direcção-Central procurem o mesmo objectivo do Sr. Presidente: dignificar a A. E. P. A Direcção-Central não pode ser um corpo mumificado, ela é a espinha dorsal do movimento. Sem a presença activa dos seus membros o escotismo não progride.

B) É necessário influenciar os meios intelectuais e culturais e interessá-los no Escotismo (trabalho óptimo para a Direcção-Central).

O escotismo precisa ser dado a conhecer, propagandeado e apoiado. Promovam-se conferências, simpósios, diálogos, exposições, anúncios; escreva-se nos jornais diários, interesse-se a Sociedade pelo Escotismo (a T. V. constantemente exibe filmes de actividades escoteiras. Já alguém se lembrou de falar na T. V.?).

C) É necessário que a Chefia-Geral se muna duma equipa de pessoas qualificadas que possam estudar o processo da aplicação do escotismo na actualidade para que na sequência desses estudos surjam programas de trabalho convenientemente adaptados ao rapaz de hoje.

D) É necessário criar-se, com pessoas de confiança, os Serviços Regionais, pois estes são os mais poderosos auxiliares da Chefia-Geral, que não pode fazer todo o trabalho sòzinha.

E) É necessário estabelecer-se uma contínua Escola de Chefes, com Instrutores qualificados e que não se deixe ninguém tomar conta dum cargo sem estar devidamente preparado para ele.

F) É necessário observar as condições de trabalho nos grupos de

Continua na pág. 7

PARA O FOGO DO CONSELHO

O RELÓGIO E O CATAVENTO

(Representa-se em cena, o melhor que for possível, o cimo duma torre de igreja — por exemplo, uma fila de ameias e ao longe a montanha.

Ao subir o pano encontram-se as duas personagens, perfiladas e rígidas, uma tendo suspenso do pescoço um grande mostrador com ponteiros, a outra um galo de cartão prateado. Depois dum curto instante, encetam o diálogo, mas de forma a não prejudicar o efeito dos emblemas).

Relógio: — Olha lá, ó amigo: estou há muito tempo para te perguntar porque andas tu para aí, sempre, com qualquer vento? Que cabeça tonta é a tua!

Catavento: — Bem se vê que ignoras estas coisas. Passas a vida a brincar com esses ponteirinhos... Nem sei se te devo explicar isto, se me reduza a um silêncio desdenhoso.

Relógio: — Isso não seria bonito, em pessoa tão alta e gentil. Fala que eu também falo. Isso nos divertirá, já que não podemos sair daqui. Desembucha, meu amigo!

Catavento: — Pois então, lá vai: Não vês tu que as pessoas cá da aldeia querem saber de que lado está o vento para proceder aos trabalhos agrícolas? Antigamente metiam um dedo na boca e punham-no a «arejar», o que dava bom resultado, quando havia vento. Sempre secava primeiro dum lado. Mas começaram a dizer que os dedos levam micróbios e têm-se deixado disso. Cá o galo não tem perigo nenhum. Mas, afinal, tu que estás para aí com a barriga a dar horas, sempre com a mesma cantiga de sobe-e-desce, para que terás esses ponteiros a mexer? Eu obedeço aos ventos, que, por sua vez, obedecem a leis naturais; mas tu, meu pobre companheiro, a quem obedeces?

Relógio: — Essa agora! porque escarneces do que não sabes, meu cabeça de vento? «Diz o roto ao nu, porque te não vestes tu?» Do que dizes a teu respeito posso eu dizer coisa parecida.

Também registo um fenómeno da Natureza, o tempo que passa, como tu registas o tempo que muda. Tu, porque tens um espigão muito leve; eu, porque tenho um mecanismo muito complicado. Tu és um galo sem tripas. Quanto a mim, todo eu sou tripas, a que se chamam rodas. Precisas de que te soprem para trabalhares, e a mim dão-me corda com uma chave. Já vês que as diferenças não são grandes.

Catavento: — Afinal tens razão, amigo. Já aqui não está quem cantou. Somos diferentes, mas somos parentes. Cada qual tem sua missão.

Se os homens, lá em baixo, aprendessem connosco... Não, a ter grande barriga, nem cabeça de vento, mas a desempenhar o seu papel, mesmo sem ponto. Sabes? Nunca mais vou zombar de ti; e se não te aperto a mão é porque só tenho pés, e esses mesmos não saem donde estão.

Relógio: — Também eu, meu caro, que não posso sair donde estou. Com tantas rodas não corro. E os meus ponteiros só andam atrás um do outro. Mas cumpro o meu dever, como tu. Se os homens também cumprissem, saberiam estimar-se.

Catavento: —

Cada qual cumpre o dever.
Ou relógio ou catavento,
Seria grande portento
Esta lição de espavento
Todo este mundo aprender.

Relógio: —

Sejamos pretos ou brancos,
Ou fidalgos ou plebeus,
Com borzeguins ou tamancos,
Barretes ou solidéus,
Somos todos, sede francos,
Irmãos e filhos de Deus.

Eduardo Moreira

Escotismo em Angola

O GRUPO DE BENGUELA

Está em plena fase de organização o Grupo de Escoteiros com sede em Benguela, graças aos esforços do nosso estimado amigo e antigo correspondente em Sintra, Sr. António Augusto da Silva e Cunha.

Segundo tivemos conhecimento, já foi proposta à Direcção dos Escoteiros de Portugal a filiação do Grupo tendo sido dado cumprimento às normas regulamentares. Assim, o grupo tem dez membros, sendo seu chefe interino aquele nosso amigo e subchefe, seu filho, José António Ribeiro e Cunha, estudante, e antigo membro do Grupo 93, de Sintra.

A Comissão de Patrocínio tem a seguinte constituição:

— Governador do Distrito de Benguela, Capitão-Tenente Manuel da Rocha Santos Prado;

— Presidente da Câmara Municipal de Benguela, José João Mongiardim da Costa Figueira, antigo escoteiro;

— Professor do Ensino Liceal, Rev. P.e Manuel Teixeira das Neves;

— Professor do Ensino Técnico, Leonel do Nascimento Serôdio, Delegado Regional da Mocidade Portuguesa;

— Proprietário do «Jornal de Benguela», Horácio Silva, Jornalista e Deputado à Assembleia Nacional;

— Dr. Miguel Francisco Milton Geraldo Osório dos Anjos, médico do Grupo de «Escoteiros de Benguela»;

— Eng.º Agrónomo António A. Fernandes de Almeida;

— Eng.º Civil Luís Manuel da Costa M. Trindade.

A Direcção do Grupo tem a seguinte constituição:

Presidente: — Orlando Henriques, industrial.

Médico do Grupo: — Dr. Miguel F. Milton Osório dos Anjos.

Vogais: João do Amparo Mendes, comerciante; Joaquim Pires Roque, comerciante, delegado dos pais dos escoteiros; António Augusto da Silva e Cunha, funcionário público, Chefe do Grupo.

O grupo considera-se autónomo e não confessional, pelo que podem ser admitidos rapazes de qualquer confissão religiosa. Esta unidade tem todas as condições para prosperar, sendo justo salientar os esforços e dedicação do seu chefe, que tornaram possível o êxito.

Conhece um Antigo Escoteiro que não assine «Sempre Pronto»? — Então obtenha a sua assinatura!

FILATELIA

Selos e Catálogos Temáticos (2)

Por

José Manuel Mendes Marques

Com a devida vénia transcrevemos do Boletim do Clube Filatélico de Portugal o interessante trabalho sobre selos escoteiros, que serve de continuação a outro artigo sobre o mesmo tema que igualmente transcrevemos em Outubro passado.

De acordo com o que prometemos, aqui estamos a elucidar os temáticos escotistas com alguns comentários aos selos omitidos pelo catálogo Brun, para assim poderem ajuizar mais fàcilmente da insuficiência do seu conteúdo. Note-se que apenas falamos de selos, porquanto no respeitante a outras peças como blocos, provas, não denteados, há ainda muito que dizer:

Cabo da Boa Esperança (Mafeking) — Durante a guerra anglo-boer, no ano de 1900, Baden-Powell, oficial do exército britânico, teve de organizar a defesa da cidade de Mafeking, fulcro do domínio daquela região e, por assim dizer, a chave da própria guerra, e sustentar um cerco de 219 dias. No decorrer deste, B.-P. criou o «Grupo de Cadetes» chefiado pelo sargento Warner Goodyear. Os seus fins foram plenamente alcançados dados os excelentes resultados, dos mais diversos serviços, prestados pelos jovens na defesa daquela cidade. Foi bem a primeira experiência escotista.

O aparecimento dos selos referidos justificou-se perante a sua falta para o serviço postal de Mafeking. Os ditos selos não só circularam naquela região, como também para outras partes do Mundo através dos jovens estafetas que conseguiam romper o cerco inimigo. Os três selos, de cor azul, apresentam Goodyear no primeiro e Baden-Powell nos restantes, sendo aquele desenhado pelo Dr. W. Hayes e os segundos pelo Capitão Greener. Do primeiro, que viu a luz do dia 7 de Abril de 1900, e dos restantes em 10 do mesmo mês, foram emitidos, respectivamente, 9476, 6072 e 3036.

Hungria — A 1 de Janeiro de 1940, foi emitida uma série de 3 selos, sob desenho de Legrady, denteado 12,5 × 12, com sobretaxa a favor do fundo *Horthy* da Aviação Nacional, por ocasião da chamada «Jornada Azul». O primeiro da série, de cor verde e do qual foram emitidos 343.638 exemplares, reproduz um escoteiro fazendo voar um papagaio e tendo por fundo uma figura alegórica. O seu valor é de 6 filler + 6. Fazia-se, na altura, intensa propaganda da aviação incentivando-se a prática do aeromodelismo, sendo os escoteiros dos mais entusiastas.

No ano seguinte, a 24 de Março, e por ocasião da mesma «Jornada», foi emitida uma outra série. Também desenhados por S. Legrady e denteados como os precedentes, o segundo da série, da taxa de 10 filler · 10, magnificamente colorido a violeta-castanho, apresenta um escoteiro a lançar um aeromodelo. A sobretaxa destinava-se a aumentar os fundos do estado para o adestramento dos pilotos civis e militares. A emissão foi de 200.000, tendo também sido emitidos 100 exemplares não denteados.

(Continua)

O inquérito de «Sempre Pronto»

Continuação da pág. 5

escoteiros, saber as causas porque os grupos não progridem, se os chefes estão ou não à altura de ocupar os seus cargos e dar o remédio necessário para cada caso.

G) É necessário que todos os grupos possuam direcções formadas por pessoas idóneas e que estas possam pedir ao chefe do grupo contas do seu trabalho.

*
* *

Para garantir a actividade escotista, enquanto se reorganizaria o movimento, propunha para a Região Centro, nomeadamente Lisboa:

H) Que se fizesse um esforço para que dentro de dois a três anos se conseguisse um efectivo de 350 elementos, o que daria uma média de 26 elementos por grupo, estando, claro está, os chefes devidamente já preparados.

I) Que os grupos se reunissem para realizar actividades em que participariam 3 ou 4 unidades, a fim de que um maior número de escoteiros em acção servisse de estímulo e de entusiasmo aos rapazes.

J) Que se estimulasse a criação imediata de Alcateias, em todos os grupos e fora deles, fazendo-se mesmo bastante propaganda do assunto, porque sendo mais fácil recrutar lobitos disporíamos de 3 a 4 anos para tratar, arrumar e recrutar Chefes à altura de dirigir escoteiros, exploradores e até caminheiros.

Armando Garcia Inácio

(1) **Nota da Redacção** — *O efectivo oficial do C. N. E. é de 1200 escoteiros e dirigentes. Quando nestes depoimentos se fala em «Movimento» e «Escotismo» não se deve perder de vista que se está falando do Movimento e do Escotismo promovido pela Associação dos Escoteiros de Portugal.*

*
* *

Não são unânimes as opiniões acerca da utilidade deste Inquérito, especialmente na base em que o pusemos — e a que não podemos agora faltar — de dar guarida a todas as opiniões que nos fossem expressadas. Muitos pensam que se deveria esconder, ocultar, certas situações, não divulgando problemas que só os da «casa» deveriam saber, enquanto outros se colocam no campo oposto e aplaudem com entusiasmo a iniciativa. É possível — e esta é a nossa opinião — que não fosse necessário entrar em minudências, mas parece-nos que se não deve evitar uma discussão franca dos problemas. Calar, esconder, desculpar, esperar, tem sido a atitude tomada há muitos anos e os resultados têm sido desastrosos. Se não há nada que envergonhe a Causa Escoteira, podemos discuti-la em público para que os problemas sejam equacionados e possam ser postos à consideração daqueles que querem e podem resolvê-los para o que lhes não falta competência. É preciso apenas acordar, porque não é o nosso mutismo que esconderá os factos dos olhares inquiridores daqueles que sentem satisfação na decadência da A. E. P. Também não é posição criteriosa afirmar: «Os dirigentes sabem muito bem o que devem fazer e não precisam que lhes venham apontar soluções». Na discussão de um problema surgem sempre pontos de vista novos e com aspectos diferentes. Além disso, é preciso despertar não só aqueles que se encontram no desempenho de cargos associativos, mas principalmente todo o Movimento, interessando na Obra todos que lhe possam trazer uma ajuda, por pequena que seja. Se muitos vierem realizar uma coisa pequena, bem feita, conseguiremos promover muito trabalho válido.

Salientando os que operam por bem, poderemos vencer

Desejaríamos ser possuidores dos conhecimentos de António Álvaro Dória para, como ele, podermos salientar os que operam por bem.

Do que nos foi dado ler, da sua autoria, no **Sempre Pronto** *de Janeiro findo, concluiremos que o articulista de* **Um Mago do Cinema** *é, não só pessoa de alma bem formada, como conhecedora da História Universal, algo que ao signatário não foi dado, porque decerto o não merece.*

Acontece, porém, — lícito nos seja referir — que na forma de pensar muito há de comum, pois sempre defendemos que se valorizem as criaturas pelos seus feitos em prol da Humanidade, e não pelos capitais ou posições de que disfrutem.

António Álvaro Dória, demonstrando-nos o valor de Walt Disney pelo facto de ter posto a sua arte ao serviço da Criança, distraindo-a com os seus desenhos animados, sempre tendentes a despertá-la para melhor, presta grande serviço à juventude de nossos dias. As suas linhas deviam, em nosso modesto entender, correr Portugal de lés a lés, a Europa, o Mundo até, porque os exemplos de um homem como Walt Disney devem reproduzir-se para que possamos vencer a onda de egoísmos que passa e ameaça fazer ruir tudo e todos.

Joaquim de Sousa Piscarreta

A coragem de um escoteiro-chefe dos Estados Unidos

evitou a morte de um numeroso grupo de escoteiros com o sacrifício da própria vida, não tendo conseguido evitar a perda de um dos seus rapazes

A notícia vem de Brighton, no estado de Michigan, em Novembro p. p. Um grupo de 37 escoteiros, que participava num acampamento de fim de semana, nas proximidades daquela cidade, ao atravessar uma ponte de caminho de ferro, foi surpreendido por um comboio de mercadorias.

O escoteiro-chefe, Howard Lowell, de 41 anos, ao aperceber-se do perigo, correu pela via, empurrando para fora tantos rapazes quantos lhe foi possível, até que foi ele próprio colhido pela locomotiva. Outro rapaz perdeu a vida antes do seu chefe, foi John Gresham, de 11 anos. Os 35 restantes foram salvos pela coragem e sacrifício do seu chefe, tendo apenas sofrido escoriações ligeiras, provocadas pela queda, e um deles ficou com uma perna partida por ter caído da ponte.

Não é o primeiro Escoteiro-Chefe que oferece a vida corajosamente para salvar algum ou alguns dos seus escoteiros, provando de maneira admirável que a missão do dirigente escoteiro é sacrificar-se pelo rapaz. O Escoteiro-Chefe que assim interpreta a sua missão, merece o nosso profundo respeito. Howard Lowell bem merece um pensamento de homenagem de todos nós.

A virtude de escutar

Continuação da pág. 1

iniciativa, a que metemos ombros, de escutar dos nossos amigos, mais responsabilizados nas lides escotistas, opiniões sobre a terapêutica mais aconselhável para curar os achaques de que, há tanto tempo, enferma o movimento escotista em Portugal.

O empreendimento está lançado. O mais que se pode esperar é que os ouvidos que, há mais de vinte anos, se têm mantido surdos aos princípios nestas colunas enunciados, se disponham finalmente a escutar as razões que estão sendo expostas e a aproveitar delas tudo quanto mostre poder servir o progresso e o enriquecimento das fileiras escotistas.

Joel Ribeiro

SEMPRE PRONTO

Número 262

O

Fevereiro de 1967

MENSÁRIO ESCOTISTA

Propriedade do Círculo Fraternal de Cooperação Escotista

A PROPÓSITO DE...

PROBLEMAS DA JUVENTUDE

«Considero o Escotismo a melhor Escola de Educação da Juventude».

(Dr. Santos Júnior – Ministro do Interior)

Problemas da Juventude são problemas do Escotismo.

Por esta razão têm os mesmos merecido sempre a cuidadosa atenção deste jornal onde o tema tem sido abordado frequentemente através da pena dos seus mais válidos e dedicados colaboradores.

Mas juventude é actualidade e, por isso, longe de se esgotar o assunto, este requer cada vez mais estudo atento e pormenorizado.

Assim o entendem também os mais elevados Órgãos administrativos do País, que se ocupam presentemente deste assunto, sendo de esperar com interesse que tanto da atenção que lhe dedica a Assembleia Nacional como da elaboração do «Estatuto da Educação Nacional», já anunciado pelo Ministério da Educação, venham a surgir directrizes seguras que conduzam à elaboração de um plano de alto nível para a formação da Juventude portuguesa.

Conscientes, embora, da nossa pequenez e das limitações que a nossa acção nos impõe, não seremos nós dirigentes e antigos escoteiros que deixaremos de colaborar em tão grandioso empreendimento com o nosso pequeno mas sério e valioso contributo. Demais que *«é indispensável um esforço conjugado de todos os departamentos ou instituições a quem cabe a honrosa responsabilidade de dirigir e preparar os homens de amanhã»*, conforme afirmou um ilustre Deputado, honrosa responsabilidade que as Associações escoteiras jamais enjeitaram, no caminho por vezes áspero que têm percorrido, mas repleto de consoladoras vitórias morais que bem se podem assinalar com o testemunho de muitos dos mais elevados vultos da vida pública nacional, que confessam satisfatòriamente a sua passagem pelo Escotismo e a influência deste na sua formação cívica.

A certeza do nosso valimento e a convicção de que missão importante continuará a ser-nos confiada no contexto geral implicará, todavia, uma importante revisão das nossas possibilidades.

Ninguém negará a flagrante actualidade do ideal escotista, susceptível de ser conduzido pelos mais modernos processos.

O ideal que nos foi legado pelo genial B.-P. é o próprio ideal da Juventude de todas as épocas. Liberdade, aventura, confiança e auto-suficiência são aspirações de todos os jovens, que só com a satisfação destas entendem e aceitam a disciplina, o respeito, a obrigação, etc.

Tão bem servidos de raiz, falta-nos porém, como em muitos outros sectores ocupacionais, os elementos dirigentes em número e qualidade suficientes para manter de pé esta grande árvore e suportar vigorosamente os inúmeros ramos aos quais o tronco tem de transmitir a valiosa seiva que os tornará amanhã trave mestra da estrutura de uma comunidade.

Mas teremos de fazer um esforço e, confiando abertamente na raiz forte que é o ideal que nos domina, procurar engrossar o tronco das Associações de amor e boa vontade em que nos constituímos, para que possamos servir a Juventude de hoje com o melhor que recebemos no tempo em que éramos nós a fazer parte dela.

Só assim os homens de amanhã recordarão o Escotismo como escola de virtudes que lhes ensinou a trilhar com honra o duro caminho da Vida.

M. G.

PUBLICAÇÕES

XXXIII Aniversário do Estatuto do Trabalho Nacional

O Ministério das Corporações e Previdência Social fez publicar em interessante e bem elaborado volume os discursos proferidos por ocasião deste aniversário, que passou em 23 de Setembro último, data em que foi inaugurado o importante edifício daquele ministério.

O volume encerra com uma excelente reportagem gráfica daqueles actos.

Agradecemos o exemplar oferecido.

BADEN-POWELL TINHA RAZÃO

O Escoteiro não fuma porque não é estúpido

Muitos fumadores ficam escandalizados quando lêem esta afirmação de B.-P. Mas, são os próprios fumadores honestos os primeiros a reconhecer que ele tinha razão.

O fumo do tabaco é nocivo, tanto para os que fumem como para os que têm que respirar as baforadas dos fumadores — eis a conclusão a que chegou um simpósio realizado em Janeiro passado, em Milão, sobre o tema «ANÁLISE CIENTÍFICA E SOCIAL DO FUMO», no qual participaram médicos e altos funcionários da saúde pública de Itália.

Observações médicas levaram à conclusão de que os pulmões das arrumadoras de cinema onde é permitido fumar continham uma quantidade de óxido de carbono duas ou três vezes superior à normal. Outro exemplo: uma criança de tenra idade, que o pai, grande fumador, tome muitas vezes nos braços, respira exalações que podem ser fatais ao seu desenvolvimento.

Os participantes neste simpósio pensam que, devido ao facto de ser impossível proibir as pessoas de fumar, é preciso persuadi-las a renunciar a esse hábito e a preocupar-se principalmente com as crianças e jovens, a quem o perigo ameaça cada vez mais. As últimas estatísticas provam, com efeito, que 60 % dos jovens de 18 anos são fumadores regulares e que a proporção é de 23 % para as raparigas da mesma idade.

O filtro nos cigarros ou na boquilha é recomendado como mal menor, porque elimina cerca de 50 % dos ingredientes tóxicos do fumo. O cachimbo reduz igualmente o perigo, nomeadamente quanto ao cancro, mas não impede os fenómenos de tumefacção, por vezes graves, nas faces e nos lábios.

*
* *

Depois destas e outras conclusões, firmadas por cientistas insuspeitos, é lícito perguntar: — Quando será proibido em Portugal fumar nos transportes colectivos?